



## SIGNIFICADOS EXISTENCIAIS E JOGOS DE LINGUAGEM EM INTER-RELAÇÃO NA ESTRUTURA DE PENSAMENTO DA PESSOA

### *EXISTENTIAL MEANINGS AND LANGUAGE-GAMES IN INTERRELATION IN A PERSON'S THOUGHT STRUCTURE*

Taís de Andrade Fiscina de Oliveira\*

#### RESUMO

Esta proposta diz respeito a uma investigação sobre o Tópico Significado na Estrutura de Pensamento (EP) de uma pessoa, sob o enfoque da Filosofia Clínica (FC). Tendo por objetivo identificar os significados existenciais do partilhante, na prática terapêutica, nós o faremos em inter-relação com os Jogos de Linguagem do segundo Wittgenstein. Tais significados da pessoa são investigados pelo filósofo clínico em interseção com o partilhante, após o contato com a Historicidade e via Exames Categóricos, componentes metodológicos, que, com a EP e os Submodos, integram a sistemática de análise da FC, por meio da qual este ensaio se apoia. O estudo é realizado no âmbito de uma pesquisa qualitativa e descritiva, de abordagem analítica, de caráter bibliográfico e documental, via Revisão de Literatura e citação de alguns elementos de áudio e vídeo. Por meio dessa pesquisa, foi possível identificar relações entre os conceitos de Jogos de Linguagem e Significado (T16) na medida que a pessoa partilhante apresenta seus próprios sentidos sobre seus termos na linguagem.

**Palavras-chave:** significado (T16); jogos de linguagem; estrutura de pensamento; Filosofia Clínica; Wittgenstein.

#### ABSTRACT

*This proposal investigates the Topic of Meaning in a Person's Thought Structure (TS) from the Clinical Philosophy (CF) perspective. Intending to identify the sharer's existential Meanings in therapeutic practice, we will do that so in interrelationship with the Language-Games, according to Wittgenstein. The clinical philosopher investigates such meanings in intersection with the sharer after contact with their Historicity and by means of Categorical Exams, which are methodological components. These components with the TS and the Submodes integrate the CF analysis system, the foundation of this essay. We carried out this study within the scope of qualitative and descriptive research, with an analytical approach of a bibliographic and documentary nature, via Literature Review and citation of some audio and video elements. Through this research, we identified relationships between the concepts of Language-Games and Meaning (T16) as the sharer presents their own meanings about their terms in language.*

**Keywords:** meaning (T16); language-games; thought structure. Clinical Philosophy; Wittgenstein.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta proposta diz respeito ao Tópico 16 – Significado, na Estrutura de Pensamento de uma pessoa, sob o enfoque da Filosofia Clínica (FC). Tendo por objetivo pesquisar os significados existenciais na Estrutura de Pensamento (EP) ‘da pessoa que partilha sua vida’ ‘ao terapeuta filósofo clínico’<sup>1</sup>, o trabalho é realizado seguindo a metodologia da FC, cujos pilares são Historicidade, Estrutura de Pensamento e Submodos.

<sup>1</sup> Embora a flexão de gênero para a feminilidade não apareça diretamente em algumas terminologias, e vice-versa no caso de termos no masculino, em ambos os casos estão contempladas, abrangendo no coletivo cada um e cada uma que deseje conhecer mais sobre os processos da Filosofia Clínica.



Partindo deste prisma, faremos uma relação com os Jogos de Linguagem do segundo Wittgenstein para colaborar com a investigação do Significado de uma pessoa em seu contexto existencial e na distinção que sua EP faz da influência que este mesmo contexto exerce sobre ela. Isto implica dizer que o estudo sobre o Tópico 16 Significado norteia esta pesquisa ao mesmo tempo que situa os Jogos de Linguagem na adaptação feita por Lúcio Packter de componentes à elaboração da Filosofia Clínica.

A analogia com o Segundo Wittgenstein recai sobre o Significado que uma Estrutura de Pensamento dará à sua experiência de vida, em relação com a influência do meio em que vive, sendo que cada meio possui um Jogo de Linguagem próprio, isto é, funcionamento próprio, regras e significados próprios para as pessoas que dele fazem parte. A Estrutura de Pensamento fará o trabalho de significar para si mesma, de maneira singular, a base cultural em que está e pela qual se permite influenciar (ou não). Vemos, então, dois pontos que se complementam:

1º) A influência das bases categoriais nas significações da pessoa, que são as experiências comuns ou padrões (as convenções da linguagem) sobre a EP.

2º) O trabalho que uma EP realiza no mundo ao receber o que o mundo lhe oferece, como ela se estrutura em suas experiências no mundo, sendo esta estruturação algo próprio, único, singular a cada pessoa, pois cada EP possui características singulares, exclusivas a cada um em sua organização tópica.

É sobre este ponto que aprofundamos agora: a investigação do Significado que uma EP tem na vivência de um mundo comum a todos os seus circunstantes, ou ainda com outras palavras, o Significado dado por uma EP às regras da cultura de que faz parte. Eis o foco deste trabalho.

Deste modo, o aprofundamento desta questão com a investigação sobre este Tópico da EP depende diretamente do primeiro pilar do Método em questão: a Historicidade da pessoa – sobre o qual revisaremos brevemente como contextualização da pesquisa.

## 2 HISTORICIDADE NA BASE DA METODOLOGIA DA FILOSOFIA CLÍNICA

Neste momento da pesquisa, reforçamos o fato de que a Historicidade é a base do Método de Lúcio Packter por meio da qual obtemos os dados sobre o partilhante a partir



do relato feito por ele mesmo sobre sua experiência de vida, ou ainda melhor, sobre o seu entendimento acerca da sua experiência de vida.

A narrativa inicia-se com o que levou a pessoa à clínica, o que é chamado de Assunto Imediato; passa pela narrativa da sua história de vida, conforme sua interpretação e dando um panorama de dados nesta fase que é a Historicidade Bruta. Nesta, provavelmente haja saltos lógicos (espaços temáticos que ficaram vazios) e saltos temporais (espaços cronológicos que também ficaram vazios) a serem, posteriormente, preenchidos pelo aprofundamento metodológico dos Dados Divisórios de primeira e segunda leva e, por fim, o Enraizamento.

Segundo Silva (p. 25, 2007): “Uma forma de dinamizar ou potencializar o que está na alma do partilhante é através dos procedimentos ‘Dados Divisórios’ e ‘Enraizamentos’, onde as questões estão voltadas para a extração significativa dos conteúdos da própria historicidade”.

A autora Mariluzza Ferreira de Andrade e Silva nos remete ao método da FC, no qual os Dados Divisórios dão continuidade à investigação sobre quem é a pessoa partilhante por meio de suas próprias marcações histórico-existenciais, em intervalos. É solicitado, então, que ela recontar sua história de um ponto a outro, a fim de o terapeuta obter mais informações sobre ela.

Chamam-se de Dados Divisórios de primeira leva quando se trata de organizar melhor os primeiros dados revelados na Historicidade Bruta e de Dados Divisórios de segunda leva quando se trata de identificar os dados processuais, isto é, os dados que manifestam os processos de origem, formação, desenvolvimento ou atualização, declínio, quebra, dentre outras situações, em relação a um Tópico na EP.

Após este passo e caso o terapeuta precise de mais dados sobre a pessoa, fará uma pesquisa de conteúdo em forma de Enraizamento (s), perguntando-lhe o que a pessoa quis dizer com algo que disse (seja oralmente, gestualmente etc) para evitar dubiedades que atrapalhem o entendimento do terapeuta sobre o Significado do partilhante.

No mais, enquanto o partilhante estiver fazendo sua edição histórica nas consultas, o terapeuta ouvirá suspendendo seus Pré-juízos (suas verdades a priori sobre o que quer que seja) e não deverá, conforme o método da FC, fazer intervenções inoportunas, chamadas de Agendamentos, já que é a fase da escuta, a qual antecede o planejamento e os procedimentos clínicos.



É preciso considerar cada palavra em seu sentido literal e, após isto, em seu sentido existencial, vivido, no sentido único para o partilhante, não devendo haver interpretações, e sim, compreensões a partir das suas partilhas, ou melhor, a partir da investigação literal e depois existencial das partilhas.

Deste modo, vemos que, nesta escuta terapêutica, há componentes metodológicos da Analítica da Linguagem (que está na base da escuta desta prática clínica - ao serem ouvidos os termos de forma literal) e da Fenomenologia da Linguagem, por meio do qual posteriormente é investigado sobre o que o partilhante quis dizer a respeito de algo que foi dito, isto é, a respeito do Significado que ele confere ao que foi expresso (ou não expresso) e continua dúbio ao terapeuta, precisando de clareza.

De toda forma, o foco desta pesquisa é a investigação sobre o significado, sem o desenvolvimento acerca de um ou mais métodos que compõem o Método FC, e sim o desenvolvimento e aprofundamento no problema específico do Significado.

Lúcio Packter também nos remete às intersecções entre filósofo clínico e partilhante, desde o início da clínica, a ponto de considerar que a intersecção pode superar o seguir o método na prática clínica.

Por fim, como princípio metodológico da Filosofia Clínica, temos a Historicidade como base de todos os atendimentos, exceto em casos de urgência, cujos critérios estão numa investigação possível sobre as bases categoriais da pessoa que está em tal momento, seja por motivo de internação em hospital, tentativa de suicídio, acidentes e outros que vierem a configurar tal situação.

De modo geral, é pela colheita da Historicidade que se extraem as Categorias, caracterizando o que se chamam de Exames Categoriais, ou seja: o Contexto de vida da pessoa (sua época, sua cultura); como ela vive o Tempo de maneira predominante (subjéctiva, cronologicamente ou ambos), qual a Relação que ela estabelece consigo mesma, com outras pessoas, com o Sagrado, com os lugares e objetos; como ela está existencialmente nos Lugares em que vive, trabalha etc (como se sente física e intelectualmente); e se o Assunto Último (causa real da ida à clínica) coincide (ou não) com o Assunto Imediato (a queixa inicial).

Desta forma, finaliza-se o primeiro pilar da metodologia packteriana e vai-se em direção à montagem de um mapa aproximativo da Estrutura de Pensamento (EP) da pessoa investigada, no qual se deve encontrar a sua localização existencial, observar a sua



estruturação tópica, em partes e na sua totalidade, o que mais a movimenta na existência (peso subjetivo).

Por fim, nesta pesquisa, explicitamos a estruturação do Significado, na pessoa, em sua existência. Somente após este mapeamento é possível elaborar procedimentos clínicos que digam respeito à sua EP a fim de favorecer a sua autenticidade no mundo e ao seu modo de agir no mundo, sendo esta última parte observada em próximo artigo.

### 3 A ESTRUTURA DE PENSAMENTO (EP)

#### 3.1 CONCEITO

Estrutura de Pensamento é o termo dado por Lúcio Packter à estrutura que toda pessoa possui e por meio da qual ela se relaciona com o mundo, recebendo e organizando os conteúdos da sua experiência de vida de modo próprio, irrepetível, singular.

Nas palavras de Sendtko: “A Estrutura de Pensamento [...] é um conceito trabalhado, em Filosofia Clínica, que diz respeito, basicamente, a tudo aquilo que habita na pessoa, no sujeito” (Sendtko, 2020, 21 min – 37 min).

Assim, vemos que tudo o que se refere a concepções de mundo, crenças, valores, emoções, entre outras coisas, compõem a Estrutura de Pensamento e a distingue do que é a pessoa, a qual, segundo o sistema da Filosofia Clínica, não se tem acesso.

#### 3.2 CONSTITUIÇÃO TÓPICA DA EP<sup>2</sup> E O PESO SUBJETIVO

Lúcio Packter considera que a EP é constituída por 30 Tópicos (T), podendo outros ainda virem a ser descobertos. Conforme a sistematização de Lúcio Packter, temos a sequência dos Tópicos da EP com as devidas identificações deles logo a seguir:

T1/Como o mundo parece	T6/Termos Agendados no Intelecto
T2/O que acha de si mesmo	T7/Termos Universais, particulares e Singulares
T3/Sensorial e Abstrato	T8/Termos Unívocos e Equívocos
T4/Emoções	T9/Discurso completo e incompleto
T5/Prejuízos	T10/Raciocínio

<sup>2</sup> Em nosso trabalho ‘A Tradução dos Dados de Semiose no Assunto Último de uma pessoa’ (2024, p. 46), o leitor encontra o Quadro 4 – Tópicos da Estrutura de Pensamento, com as definições básicas de cada um dos 30 Tópicos da EP.



T11/Buscas

T12/Paixões Dominantes

T13/Comportamento e Função

T14/Espacialidade: Inversão, Recíproca  
de Inversão, Deslocamento longo e  
Deslocamento curto

T15/Dados de Semiose

**T16/Significado**

T17/Armadilha Conceitual

T18/Axiologia

T19/Tópico de Singularidade Existencial

T20/Epistemologia

T21/Expressividade

T22/Papel Existencial

T23/Ação

T24/Hipótese

T25/Experimentação

T26/Princípio de Verdade

T27/Análise de Estrutura

T28/Interseções de EPs

T29/Dados de Matemática Simbólica

T30/Autogenia

Algumas questões se constituem importantes considerações para a FC, tais como:

1. Estes Tópicos se relacionam em potencial infinito de combinações e com tipos de determinação próprios a cada pessoa, isto é, o seu peso subjetivo é único a cada um. Assim, o que move a pessoa na sua existência pode ser um Tópico, ou uma combinação tópica, ou uma (ou mais) combinação (ões) entre elementos no próprio interior de um Tópico, ou combinação entre elementos de um Tópico em outro Tópico, podendo esta combinação ser de conflito, contraste, complementação, etc.

Por exemplo, uma pessoa que é movida pelo que é importante para ela, o que se chama de Axiologia (T19), em Filosofia Clínica. Este mover-se é também chamado de peso subjetivo e é por este peso que alguém fará suas escolhas pelo que, independentemente da aprovação ou reprovação social, familiar ou de qualquer outro grupo que constitua o mundo, aqui denominado de Como o mundo me parece (T1), pois são os valores que a movem, que a fazem decidir, escolher o direcionamento da sua vida, e não a opinião alheia ou o que as convenções, em geral, ditam às singularidades.

Outra pessoa pode se estruturar de modo a se incomodar profundamente com o que os grupos sociais (T1) pensam sobre ela e isto ser o que a move em suas escolhas e, com isto, ela pode tanto iniciar seus movimentos no sentido da adaptação social fazendo



cursos, procurando empregos, formando família, como também pode deixar de fazer tudo isto por reprovação destes mesmos grupos – a depender de como está vendo o mundo.

2. Outra questão é o fato de que, se houver repetição de conteúdos, falas, asserções, em consultório, isto não necessariamente implica dizer que o Tópico, ou a combinação tópica, em repetição ou em alarde, seja o que há de mais forte nela, podendo ser apenas repetição, gritos, queixas, sintomas, mas não o que a faz tomar decisões e fazer escolhas, não o que a move.

Os exemplos são vários e todos são singulares, pois, ainda quando forem muito semelhantes, serão distintos. Falar frequentemente em algo ou mesmo sua intensidade não necessariamente se refere a seu poder de movimentação, a seu peso subjetivo. Vai valer como discurso a sua vivência existencial, o que ficar manifesto no relato da sua Historicidade.

### 3.3 PLASTICIDADE DA EP E A SINGULARIDADE DA PESSOA

A plasticidade, a flexibilidade, é uma característica da EP. Seja por motivo de mudança de base categorial ou de mudanças nas relações tópicas ou nas interseções entre EPs, ou ainda por outro (s) motivo (s), como acidentes ou doenças etc, a EP pode modificar seu peso subjetivo e o modo como se estrutura internamente.

Ela pode se desenvolver de maneiras diferentes e até mesmo desenvolver novos tópicos (embora, neste caso, referimo-nos a cada era da humanidade), como, por exemplo, a evolução da EP de eras pré-civilizatórias até hoje passou por mudanças estruturais.

Tal plasticidade também é única e assim mostra que duas ou mais pessoas que vivem numa mesma base categorial significam-na de maneira diferente, o que o mundo lhe envia como paradigmas, como base comum.

Ou seja, acontece, numa mesma cultura, a manifestação da singularidade da EP e da pessoa que há por ‘detrás’ dela. E assim base categorial e Estrutura de Pensamento se distinguem entre si, mesmo estando em inter-relação. É característica da EP significar singularmente a sua existência, mesmo inclusa numa base comum em que outros vivam em seu derredor. É aqui que identificamos a singularidade dos sujeitos, embora sem negar a influência do mundo sobre si.



Tomemos como existente o fato de duas mulheres serem herdeiras de uma mesma base categorial, mas cada uma delas significá-la de modo diferente.

Por exemplo, o ser mulher numa sociedade patriarcal pode ser significado de modo a uma refletir tal patriarcalismo em todos os seus papéis existenciais e em sua autenticidade de pessoa, assim como outra delas pode ressignificá-la e ver como um desafio à superação de cânones patriarcais que desvalorizam a mulher e supervalorizam os homens, num movimento de superação da misoginia e do machismo, ambos culturais, históricos, de época.

Vemos aí o trabalho da EP no mundo em que vive, ou melhor dizendo, ainda que haja a influência da base categorial sobre o sujeito, há pessoas que se transformam e/ou transformam realidades desta base para si e/ou para outras pessoas, o que explicita que não é só o mundo um fator de influência sobre a pessoa, mas a EP também ao diferenciar-se do mundo ou mesmo ao transformá-lo.

Portanto, fica mais uma vez clara que é a singularidade de cada pessoa e, assim, de caso o que importará na terapia filosófica elaborada por Lúcio Packter.

#### 4 SIGNIFICADO E JOGOS DE LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN

Em se falando de Estrutura de Pensamento e Tópico, escolhemos aprofundar esta pesquisa no Tópico 16: Significado para, posteriormente, fazermos associações com os Jogos de Linguagem em Wittgenstein.

O Significado (T16) é aquele que, como o seu nome sugere, diz respeito à característica de conferir significado a algo, a alguém, a situações, relações, enfim, a experiências diversas vividas, ou ainda, à história de vida. É por este Tópico que a pessoa interpreta, singularmente, tudo o que vive em sua existência. Sendo assim, o sentido de significado, nesta pesquisa, é o significado do partilhante, é o que ele tem como significado em sua EP e revela em prática clínica. Ou, com outras palavras, é sobre sua significação singular que recai o nosso olhar.

Apesar de a existência da EP ser considerada como algo universal, como defende o sistematizador da Filosofia Clínica, Lúcio Packter, o que e como ela se organiza, em seus conteúdos, advindos da historicidade, é singular.

Posto isto, o trabalho da prática clínica, a princípio, será o de o terapeuta ouvir a literalidade da narrativa do partilhante para, em seguida, pesquisar o significado dos





termos que ficaram confusos, dúbios ou com falta de significado, sendo preciso, ao final do trabalho clínico, enraizar o que a pessoa quis dizer sobre algo que disse. Desta forma, o terapeuta tende a se aproximar do mundo do partilhante e este é o sentido que damos a esta pesquisa, pois que o trabalho terapêutico diz respeito à sua singularidade.

Um exemplo podemos ver quando, nas interseções diversas, cada pessoa de uma mesma família significa de um modo diferente as mesmas experiências; também vemos cada componente de um casal ter significado o casamento de um modo próprio, podendo ter pontos semelhantes ou distintos entre si; assim como pode ocorrer nos mais diversos relacionamentos, como amicais, de trabalho, de conhecidos etc.

A questão do peso subjetivo no Tópico Significado, na Filosofia Clínica, ao nosso ver, é uma das bases que fundamentam uma terapia individual, de casal, de família, ou mesmo terapia de amigos, enfim, terapia entre pessoas que estejam abertas ou em busca de falarem sobre o quê e como ela e/ou outrem significam uma possível questão existencial levada ao consultório.

Isto porque algumas pessoas, ao exporem suas significações e/ou ao ouvirem as significações do outro, têm em si a questão em vias de resolução – o que pode envolver os Tópicos de Recíproca de Inversão, Epistemologia, Interseções entre EPs e/ou outros, a depender do caso. Sendo assim, são casos em que o Significado se torna indispensável na relação tópica e na relação intersubjetiva.

A depender de como cada pessoa tenha recíproca de inversão com o outro (conheça o mundo do outro) e o acolha, isso poderá definir sua interseção entre as partes.

De toda forma, o Significado terá preponderância na pessoa que se move por ele. Afinal, para elas, é preciso ter significado o que se vive, ainda que este não tenha univocidade. Isto é, o que ela vive, para ela, é significativo e precisa ser claro o seu Significado. Falando mais propriamente da prática clínico-filosófica, objeto principal deste estudo, desta pesquisa, deste artigo, o Tópico Significado se refere ao que a pessoa significa, tratando-se de sua significação existencial, o que envolve o mundo e a EP.

Com relação aos Jogos de Linguagem em Wittgenstein inicialmente se relacionam à localização existencial da pessoa para, em seguida, vermos sua contribuição ao Tópico 16, Significado, quando a expressão do partilhante tende a indicar o significado do padrão de um grupo social do qual ela faça parte, tornando-se conteúdo a habitar a sua EP. Porém, necessita de Enraizamento para ver se (ou como) a EP significou o que recebeu do padrão social e elaborou a sua singularidade ou apenas repetiu o jogo de linguagem.



Veremos, assim, qual a relação da EP com os Jogos de Linguagem, principalmente no sentido de ver se a EP aceita jogar alguns jogos, mas não todos, sendo perceptível a existência de uma estrutura que, de algum modo, escolhe quais Jogos irá jogar, isto é, quais regras de vida ou funcionalidade de existência, ou forma de vida irá viver, podendo modificar-se e mesmo diferenciar-se do seu mundo. Eis o que a inter-relação Segundo Wittgenstein e Lúcio Packter pode nos dizer, a princípio: o quanto os jogos de linguagem são expressos pelo partilhante e o quanto ele se diferencia dos jogos de linguagem. Estes então estão no mundo e na EP da pessoa localizando-a existencialmente, mas não a definindo.

Logo, vemos que, por algum motivo, a EP escolhe alguns jogos e outros não, algumas regras e outras não, ou mesmo pode gerar outros jogos se estes se tornarem regras a serem seguidas por outros, o que mostra a existência de uma atuação da EP no mundo.

Sendo assim, vemos que Jogos de Linguagem enquanto formas de vida são expressos nas partilhas de consultório as quais refletirão o modo de vida do partilhante, é a funcionalidade de sua base - comum a outras pessoas que compõem tal grupo e que têm, assim, comportamentos gerais semelhantes. Estas regras não são técnicas a serem aplicadas mecanicamente; elas são as ações de um grupo, ou melhor ainda, estas ações comunicam o seu significado. A partir disto, vemos o diferencial que o trabalho da EP faz com relação ao mundo.

Para Wittgenstein (2002, p. 189): “A expressão jogo de linguagem deve aqui realçar o facto de que falar uma língua é uma parte de uma actividade ou de uma forma de vida”. Portanto, a Linguagem é entendida como ação repetitiva cotidiana geradora de significados, como, por exemplo, o código de conduta de cada grupo profissional.

Nas palavras de Francisco Renato Tavares (2019), em sua tese de doutorado intitulada Linguagem e Significado nas **Investigações Filosóficas** de Wittgenstein:

Wittgenstein mostra que o sentido de uma sentença não é determinado pelo caso de que a mesma representa um fato preciso do mundo, ou o significado de uma palavra não é determinado pelo objeto que seria associado à mesma. Pelo contrário, o sentido ou o significado de toda expressão linguística é substituído pela ideia de uso que se faz dessas expressões em um contexto de práticas estabelecidas, em um determinado jogo de linguagem. (Tavares, 2019, p. 14).

É assim que o Jogo de Linguagem da Filosofia Clínica e do grupo de filósofos clínicos é diferente e possui funcionamento diferente do grupo da Psicologia e do de



psicólogos clínicos, pois suas linguagens possuem significados diferentes, ainda que possam se assemelhar, em algum ponto, por serem trabalhos de consultório e a esta semelhança Wittgenstein chamou de Semelhanças de Família (SF).

Tavares (2019) reforça como o contexto e significado se relacionam nos Jogos de Linguagem de Wittgenstein, a qual amplia o conceito de linguagem.

Quando Wittgenstein, nas Investigações, desenvolve a noção de jogos de linguagem e mostra que o uso significativo da linguagem encontra sua justificação não em algo do mundo que seria associado às expressões linguísticas, mas numa prática contextualizada, nossa compreensão da linguagem é expandida, pois reconhecemos uso possível nas mais diversas formas linguísticas, e não apenas na forma que pensa a linguagem como representação do que acontece no mundo. (Tavares, 2019, p. 14).

Com isto, o autor também reforça que Wittgenstein e sua concepção de jogos de linguagem não nega a linguagem referencialista (aquela em que o nome se refere a um objeto no mundo), mas a considera apenas mais uma e a amplia aos contextos vividos pelas pessoas. Isto significa dizer que a linguagem referencialista (aquela que considera como fundamento o objeto, a coisa, como, por exemplo: copo é linguagem porque há um objeto copo) continua fazendo sentido, porém a um âmbito específico e restrito, e não a todos os âmbitos existentes, sendo apenas mais um jogo de linguagem.

No mais, ou enfim, o sujeito pode modificar o que há de padrão nos Jogos de Linguagem (JL) em que vive ao passar por sua Estrutura de Pensamento, podendo refletir tal JL, porém ao seu modo.

Conforme o exposto acima, pensamos que o segundo Wittgenstein auxilia no entendimento do que é expresso em clínica, auxilia na identificação da época ou do mundo em que vive, sociedade da qual a pessoa faz parte, provindo daí, ao menos uma possível significação, uma vez que existimos em bases categoriais, e não isolados. Também auxilia na investigação sobre o que a pessoa partilhante quis dizer ao dizer algo, já que há diferentes sentidos sendo vividos, há diferentes JL sendo vividos em terapia.

Por estes motivos, importa também, nesta pesquisa, explicitar que a investigação dos significados existenciais de uma pessoa, podem ser expressos por diferentes meios de comunicação, isto é, diferentes Dados de Semiose (T15) a fim de ter Univocidade (T8), ou seja, clareza de sentido na investigação clínica, e isto fazer parte do trabalho do filósofo clínico e da sua escuta sem Agendamentos, até que se aproxime do Significado do outro, o que acaba por ser uma escuta alteritária (ética, sem desrespeito ao significado existencial do outro).



É certo que a Equivocidade (T8) também pode fazer parte da clínica filosófica da FC se levarmos em consideração que o partilhante se estruturou desta maneira, porém, aludimos aqui à necessidade de clareza da parte do terapeuta a fim de, ao menos, evitar, o quanto possível, as confusões ou ambiguidades no seu trabalho.

Então, trata-se de colher e acolher a linguagem do partilhante na sua literalidade para a investigação mais profunda do Enraizamento sobre os significados, sobre o que a pessoa quis dizer quando o disse. Ou ainda, trata-se de a partilha de uma pessoa refletir inicialmente os Jogos de Linguagem que vive e, posteriormente, conferi-la.

Desta forma, vemos que a investigação sobre o Significado diz respeito à uma base da clínica filosófica da FC, já que, sem isto, não é possível aproximar-se da EP do outro e enquanto se vale de uma escuta ética, escuta de respeito ao outro.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Além de esta pesquisa poder colaborar com as reflexões sobre o trabalho terapêutico da Filosofia Clínica, ao investigar o Tópico 16: Significado, na radicalidade da singularidade de uma pessoa, em suas inter-relações intelectivas com o mundo, vemos que esta pesquisa tem um cunho de provocação pelo aprofundamento do tema.

Assim, discussões sobre o fazer clínico levam em consideração o respeito ao outro e ao seu modo de ser e de agir no mundo, o que só é possível conhecendo seus significados existenciais próprios.

Ao mesmo tempo, o estudo do Significado também pode gerar uma interdisciplinaridade viável com a comunicação humana, o que, por sua vez, relaciona-se com as Intersecção entre EPs (T28), nas quais há encontros e desencontros por causa de choques entre Significados (T16).

Há diversas áreas falando sobre o tema da **comunicação** e, muitas vezes, atribuindo a ela uma importância maior do que o conhecimento técnico de uma área do saber ou de um âmbito da prática humana em ambientes de trabalho.

Esta pesquisa em nada imita outras áreas, pois se vale de um conhecimento estrito do método da FC. Mas, ele aparece com uma potencialidade no âmbito da comunicação humana, tendo papel relevante ao poder iniciar esta conversação a partir da compreensão do que cada pessoa está significando ao falar, ao agir, ao pensar, ao ser no mundo.



Esta base dos significados existenciais de uma pessoa pode levar a uma reflexão sobre os choques entre pessoas e que podem decorrer desta incompreensão, gerando desentendimentos e sofrimentos resolúveis, em alguns casos (embora não o seja em todos, já que é de um jeito para cada pessoa e assim também podemos ver que é de um modo único para cada casal).

Uma das pessoas pode encarar como ofensa uma experiência enquanto que, para outra, é uma vivência sem valor, rotineira ou sem significado. Do mesmo modo, ambos podem considerar neutras ou mesmo repetir os padrões de uma época sem pensar nem se mover por isto – pelo Significado. Ainda outras, consideram que o Significado se relaciona com o Sentido da vida para poder viver bem.

E assim a Filosofia Clínica deixa a prática terapêutica aberta à investigação do Significado sem pressupor o que para cada pessoa é importando a investigação e seu resultado para o planejamento clínico e os procedimentos clínicos a serem adotados para aquela singularidade.

Esta pesquisa também aponta para uma potencialidade, em forma de provocação, ao quanto a FC pode dialogar com a o campo da cortesia no cotidiano e da diplomacia entre pessoas, grupos e nações, uma vez que ela permite que as partes envolvidas em diálogo tenham um espaço de não ataque nas intersecções. Afinal, a FC pressupõe o respeito ao mundo do outro, além de primar que haja, primeiramente, uma investigação apurada e uma compreensão necessária dos significados de cada parte para, somente depois, proceder apropriadamente, conforme o que realmente seja preciso, necessário.

Também chamamos à atenção para a discussão de que o próprio Lúcio Packter, em sua Propedêutica, ressaltou que não se trata de relativismo, no qual tudo pode, levando em consideração a base categorial em que vivemos, havendo, portanto, um pano de fundo em comum a todos. Não se trata assim de um vale tudo, mas de uma investigação cuidadosa e ética que dá direito ao outro de ser ouvido sem ser prejudicado, pois podemos errar e prejudicar a pessoa se nos anteciparmos a isto.

Estas são reflexões e provocações de possíveis futuras pesquisas a serem iniciadas ou reforçadas (como terapia de casal, de família e nas organizações) e que podem gerar outras como consequências. Ao mesmo tempo, a FC não esgota os temas e nem resolve a tudo, limites estes que também são de importância perceber, pois a pessoa ou a situação pode precisar de uma solução diversa da dela.



Também se pretende identificar conflitos no interior da Estrutura de Pensamento, no interior do próprio Tópico, entre EPs, entre EPs e base categorial, para melhor ajudar a (s) parte (s) envolvida (s) – o que começa e perpassa pelo Tópico 16 – Significado, por isso a busca por sua univocidade, sua clareza, por sanar conflitos danosos a pessoas, grupos ou mesmo nações; quando saná-los, portanto, for o caso.

Também vemos das inter-relações no cotidiano, para a promoção de atos de paz nas mais diversas interseções por meio do entendimento de que o significado sobre a existência é único a cada um (a), o que toca no entendimento de que é preciso ouvir sem julgamentos inicialmente para descobrir o que realmente está sendo dito.

Esta pesquisa também serve de provocação para um diálogo entre o caráter universal da EP e do arquétipo na terapêutica junguiana, pois, para Jung (1976/2016, p. 121): “O arquétipo é um elemento vazio e formal em si”. Ou seja, não há conteúdos nos arquétipos, é uma estrutura, uma forma existente em todo ser humano. Sabemos que Filosofia Clínica não é Psicologia e assim não trabalha com conceitos como psique, arquétipo, inconsciente etc. O que propomos não é uma confusão, mas um diálogo que fale sobre aproximações e distanciamentos entre ambas as áreas do saber e da práxis humanos com a finalidade de relacioná-los, o que não ameaça a identidade de cada uma delas e pode servir à singularidade de algumas EPs que tem como pressuposto e como experiência pessoal o reconhecimento de que há relações entre saberes.

Por fim, é possível que esta pesquisa seja uma colaboração para o estudo do Tópico 16 - Significado, tendo um lugar singular no âmbito da pesquisa acadêmica e de formação sobre Filosofia Clínica, os quais ultrapassam tal âmbito – porque faz-se referir diretamente à vida, ao cotidiano, à existência humana, mas que deixaremos, inicialmente, direcionada ao público-alvo dos que estudam a FC.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto, nesta pesquisa, ela pode se caracterizar como uma resposta ao problema do Significado na EP da pessoa, cujo entendimento pode ser facilitado por analogia com os Jogos de Linguagem de Wittgenstein (formas de vida, contextos de vida, contextos de consultório etc).

Tentamos nos aproximar da leitura de Lúcio Packter sobre as concepções wittgensteinianas na sua fundamentação filosófica para este Método, de modo a entender



que a investigação sobre o Significado tópico-existencial tende a gerar clareza sobre as asserções cotidianas e é necessário que haja, na clínica packteriana, para o filósofo clínico e então observe que esta clareza de ver as Equivocidades trazidas pela pessoa e o quanto esta pode se constituir desta forma.

Esta clareza é indispensável para a posterior interferência do filósofo clínico após seu planejamento clínico, que resultará no procedimento clínico, ainda que seja apenas a clareza do entendimento do terapeuta sobre a dubiedade que porventura conforma uma EP e sobre seus pesos subjetivos. E eis mais uma provocação importante como resultado desta pesquisa: o significado, no terapeuta, sobre a expressividade<sup>3</sup> do significado do partilhante para ele.

Vemos, por fim, que esta clareza sobre o Significado de alguém é necessária para o exercício da clínica packteriana, cuja busca é mapear a singularidade, atendendo-a com alteridade pelo terapeuta filósofo clínico.

## REFERÊNCIAS

16 SIGNIFICADO. Produção: **Rosemiro Sefstrom**. 2021. 1 vídeo (16 min 36 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mmISWswH8bY>. Acesso em: 30 de jul. 2022.

ANALÍTICA da Linguagem – Caminhos. Direção: Adelor. Produção: **Som Maior Premium FM**. Porto Alegre: Som Maior Premium FM, [Locução de]: Lúcio Packter, 2009. 1 vídeo (9 min 39 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3k2PJX0my>. Acesso em: 18 de ago. de 2021.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 516p.

ESTRUTURA de Pensamento. Direção: Gilberto Sendtko. Produção: Gilberto Sendtko. Chapecó: **Instituto Sendtko**, 2019. 1 vídeo (40 min 14 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rjJszByneWY>. Acesso em: 18 de ago. de 2021.

FERNANDES, Cláudio *et al* (org.). **Filosofia Clínica: Tópicos**. São Paulo: Recanto da Filosofia Clínica, 2021.

GOYA, Will. **A Escuta e o Silêncio: lições do diálogo na filosofia clínica = *Listening and silence: lessons from dialog in clinical philosophy*** / Will Goya; tradução Clare Charity; revisão Fernanda Moura. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010. 422p.

<sup>3</sup> Expressividade é um Tópico da Estrutura de Pensamento que diz respeito ao quanto a pessoa expressa o que está em si para o outro. Também é um Submodo, ou seja, um modo se agir de uma pessoa.



JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2016 (Obra Completa 9/1 – Trabalho original publicado em 1976). [Edição digital]. Disponível em: [https://www.ijusc.com.br/wp-content/uploads/2021/06/91\\_jung\\_os\\_arquetipos\\_e\\_o\\_inconsciente\\_coletivo.pdf](https://www.ijusc.com.br/wp-content/uploads/2021/06/91_jung_os_arquetipos_e_o_inconsciente_coletivo.pdf). Acesso em: 18 de ago. de 2021.

OLIVEIRA, Taís de Andrade Fiscina de. **A Tradução dos Dados de Semiose no Assunto Último de uma pessoa**. 2024. 90 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Clínica) – Instituto Sendtko de Ensino Superior, Chapecó/SC, 2024.

PACKTER, Lúcio. Título da Obra: **Filosofia Clínica: propedêutica**. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Packter, 1997.

PACKTER, Lúcio. **Cadernos A: Filosofia Clínica**. Porto Alegre, Mikelis: 2020.

SIGNIFICADO (parte II). Direção: Jafa. Produção: **Som Maior Premium FM**. Porto Alegre. Porto Alegre: Som Maior Premium FM, [Locução de]: Lúcio Packter, 2008. 1 vídeo (9 min 53 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E5KNLksKITo>. Acesso em: 18 de ago. de 2021.

SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade e. **Contribuições de Wittgenstein à Filosofia Clínica**. São João del-Rei/MG: Instituto Packter, 2005.

SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade e. **Filosofia para Filósofos clínicos / Métodos Fenomenologia da Linguagem / Analítica da Linguagem**. São João del-Rei/MG 2007.

TAVARES, Francisco Renato. **Linguagem e significado nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein**. Guarulhos: UFSP, 2019. 134 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/59424/FRANCISCO%20RENATO%20TAVARES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 set. 2023.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Produzido por Lúcio Packter. Tradução M. S. Lourenço. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

---

\* Mestranda do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Instituto Sendtko de Ensino Superior Chapecó-SC – Mestrado Livre e Institucional em Filosofia Clínica (PPG-MLI-FC). E-mail: [taisfiscina.dasoliveiras@gmail.com](mailto:taisfiscina.dasoliveiras@gmail.com).